



A Arte como Instrumento de Protesto e Sobrevivência: Uma Análise sobre o Papel dos Artistas da Cidade de Itabaiana, PB¹

Eudo JANSEN NETO²

Severino Alves de LUCENA FILHO³

Resumo

Analizamos o papel dos Artistas no processo de construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB. Buscamos entender como os processos da cultura popular podem contribuir com esta dinâmica. O método utilizado foi o estudo de caso, analisando as práticas de Jessier Quirino, poeta matuto e Fábio Mozart, poeta e cordelista. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e anotações das observações. A partir das análises identificamos cinco pontos como essenciais no processo de construção do Desenvolvimento Local: Linguagem, Reconhecimento, Sentimento de Pertença, Memória e Arte na construção do Discurso. Com isso, concluímos que o papel dos Artistas na construção do Desenvolvimento Local é formar futuros possíveis a partir da mobilização fomentada a partir da sua arte.

Palavras-chave: Folkcomunicação. Ativismo. Desenvolvimento Local. Capital Social.

Introdução

O presente estudo analisa o papel dos Artistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB, sob a perspectiva da importância da cultura popular como elemento essencial neste processo.

Itabaiana – PB é uma cidade da mesorregião do Agreste paraibano, que possui cerca de 25.000 habitantes e localiza-se a 81 km da Capital João Pessoa. A cidade é sede da região metropolitana que leva o seu nome, sendo composta por 12 municípios, que juntos formam a 5ª maior econômica, das 14 que compõem o Estado.

¹ Trabalho apresentado no GT 4 – Folkcomunicação e Desenvolvimento Local da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba. Pesquisador da Rede Folkcom e do Grupo Folkcomunicação e Discursos Organizacionais. eudojansen@hotmail.com

³ Pós-Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade de Aveiro (Portugal) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisador da Rede Folkcom. recifrevo@uol.com.br

Os cidadãos de Itabaiana – PB já vivenciaram uma experiência de progresso e desenvolvimento, que teve o seu auge entre as décadas de 1950 e 1980. Atualmente, pela ausência de políticas e de oportunidades, a população experimenta contingenciamentos na educação, saúde, geração de emprego, bem-estar e, sobretudo na cultura. Por estas razões, o patrimônio histórico e cultural, bem como a vida e obra dos filhos itabaianenses, estão sendo desconsiderados e até desperdiçados enquanto matéria prima capaz de gerar capital e promover o Desenvolvimento Local.

Sendo assim, destacam-se no cenário local alguns atores sociais que vem lutando e se empenhando no resgate, conservação, valorização, e na missão de dar visibilidade a este patrimônio local, criando através dele oportunidades de identificação com o local, sentimento de pertença, autoestima, geração de capital humano e social, crescimento sociocultural e por fim geração de emprego e renda.

Diante disto, mapeamos as práticas folkcomunicacionais existentes em Itabaiana – PB, realizando através delas uma análise do papel dos Artivistas e entendendo qual a sua contribuição para a promoção do Desenvolvimento Local, com vistas a responder o seguinte questionamento: Qual o papel dos Artivistas das Redes Folkcomunicacionais no processo de (re)construção do Desenvolvimento Local em Itabaiana – PB?

Justificamos este estudo pela necessidade de entender os processos que contribuem para o Desenvolvimento Local, com destaque para a inclusão de um novo conceito, o Artivismo, frente aos estudos já desenvolvidos nesta área. Esperamos com isto contribuir para o avanço da fronteira do conhecimento e o entendimento de novas ferramentas que promovam o desenvolvimento a partir das potencialidades locais.

Folkcomunicação: Conceito e Taxionomia

A Folkcomunicação é, senão uma teoria inovadora nas pesquisas de comunicação na América Latina. Seu principal objeto de estudo busca entender as relações fronteiriças entre a cultura popular (Folclore) e a comunicação de massa (mass media). Enquanto o folclore se ocupa de entender o conjunto de costumes preservados por um povo, a Folkcomunicação visa decodificar mensagens emitidas na comunicação de massa e ressignifica-la para recepção das culturas populares (MARQUES DE MELO, 2008).

Inicialmente Beltrão (2014) entende a Folkcomunicação como um processo de mediação nas relações entre a cultura de massa e a cultura popular. Todavia, num

movimento de atualização da teoria, Hohlfeldt (2002) nos ensina que a Folkcomunicação estuda os processos comunicativos através dos quais a cultura popular ganha visibilidade e interage com outras cadeias comunicativas, além das trocas e apropriações que ocorrem nas relações com a cultura de massa.

Para que estas relações entre massivo e popular acontecesse, Beltrão (2014) acreditava no protagonismo dos agentes folk inseridos nas comunidades marginalizadas, sobretudo nas rurais como no caso deste estudo. Estes agentes são atores sociais, que gozam da confiança local, porém transitam com desenvoltura no espaço global.

Esta perspectiva da relação entre cultura erudita e cultura popular, bem como a ação dos agentes folk na interpretação dos conteúdos da cultura massiva, foi o mote das primeiras pesquisas nesta área da comunicação.

Contudo, nestes pouco mais de 40 anos de história, a Folkcomunicação avançou sua fronteira teórica e metodológica, se mostrando uma teoria dinâmica e multifacetada capaz de interagir com diversas áreas e concepções teóricas. Em face disto, os seguidores de Beltrão ampliaram os seus olhares sobre os novos fenômenos que estão interconectados aos processos de comunicação popular a exemplo da gastronomia, do marketing, do turismo e da política (MARQUES DE MELO, 2008).

Assim sendo, nos valem do esquema feito por Marques de Melo (2008) para apresentar aos pesquisadores a classificação dos gêneros e formatos folkcomunicacionais, como forma de orientar nossa pesquisa de campo e contribuir com a validação das múltiplas segmentações da disciplina Folkcomunicação.

Abaixo apresentaremos um quadro apenas com as principais expressões encontradas em nosso percurso de pesquisa, visto que aqui não cabe retratar toda a taxionomia proposta pelo autor.

Quadro 1 - Taxionomia da Folkcomunicação

<i>Gênero</i>	<i>Formato</i>	<i>Tipo</i>
<i>Folkcomunicação oral</i>	<i>Canto</i>	Aboio
	Música	Moda de Viola
	Prosa	Lenda

	Verso	Cantoria
	Colóquio	Conversa Fiada
	Zombaria	Anedota
	Reza	Ladainha
Folkcomunicação visual	Impresso	Almanaque de Cordel, Literatura de Cordel, Xilogravura Popular.
	Pictográfico	Legenda de Caminhão
Folkcomunicação icônica	Devocional	Ex-Voto
	Diversional	Brinquedo Artesanal
Folkcomunicação cinética	Agremiação	Comunidade de Base, Mutirão, Escola de Samba.
	Celebração	Afoxé, Candomblé, Procissão, Peregrinação.
	Distração	Circo Mambembe, Mamulengo, Pelada de várzea, Vaquejada, Quermesse.
	Manifestação	Campanha, Comício, Desfile, Queima de Judas.
	Folguedo	Folia de Reis, Maracatu, Bumba-meu-Boi, Pastoril.
	Festejo	Carnaval, Festa Cívica, Festa da Padroeira, Festa do Divino, Forró.
	Dança	Coco de Roda, Ciranda, Quadrilha, Xaxado.
	Rito de Passagem	Velório

Fonte: Pesquisa Direta, adaptado de Marques de Melo (2008)

Partindo desta classificação proposta por Marques de Melo (2008), mas sem deixar as raízes da ideia seminal de Beltrão (2014) buscamos tecer alguns relacionamentos entre a disciplina da Folkcomunicação e outras categorias de análise relevantes para o resultado do estudo, como é o caso do Desenvolvimento Local e do Capital Social que trataremos a seguir.

Capital Social e Desenvolvimento Local: Faces da Mesma Moeda

“Cidade desenvolvida é cidade boa para se viver e não cidade grande”. É com essa máxima empunhada por Franco (200, p.35) que apresentamos o ponto de vista deste trabalho quando se fala em desenvolvimento.

O fator econômico/financeiro foi considerado durante muito tempo como o principal pilar do desenvolvimento e crescimento dos Estados-Nação. Com isso, as demais variáveis eram consideradas periféricas e consequências da primeira.

Para quebrar esta visão equivocada, o Desenvolvimento Local apresenta um olhar sistêmico considerando cada particularidade e os diversos fatores capazes de influenciar no desenvolvimento das localidades (FRANCO, 2010). O equilíbrio dos capitais – Humano, Social, Financeiro e Cultural – em função das potencialidades endógenas é que promove de forma única o desenvolvimento de cada local.

Porém, é necessário distinguir uma destas variáveis, não por importância, mas por sua função no processo de sustentabilidade do desenvolvimento. Tal variável é o Capital Social. A partir do acúmulo deste capital a localidade adquire capacidade de sair da zona de conforto e se mobilizar para encontrar soluções às demandas cotidianas. Num movimento centrífugo, o local modifica as suas relações internas e reverbera as mudanças nas relações externas (FRANCO, 2010).

Neste contexto, as expressões da cultura popular servem como redes localizadas de produção do Capital Social. A organização e a cooperação que são exercitadas nestas expressões forjam uma identidade local que evolui a trama do tecido social da comunidade e a torna capaz de reverberar as principais características que levam ao desenvolvimento.

Ou seja, as expressões da cultura popular alçam a condição de ferramentas para produção do Capital Social por estarem intimamente ligadas as relações e mediações construídas entre os atores sociais locais. Estas relações acabam amadurecendo e

criando pilares como a confiança, reconhecimento e busca do benefício mútuo (PUTNAM, 2001).

A relação fronteiriça entre Capital Social e Desenvolvimento Local começa a ser descortinada neste trabalho, a partir do entendimento que as trocas simbólicas ocorridas nas expressões da cultura popular podem servir como combustível para criação de uma base sólida de atuação com vistas ao desenvolvimento das comunidades (FRANCO, 2010).

Artivismo: Contestando os Conceitos de Arte e Política

O verbete Artivismo surge num momento de eclosão dos movimentos sociais de esquerda (ou contracultura) ocorridos no Brasil na década de 1960. Os hippies, Black Power, LGBTs, entre tantos outros, buscavam formas alternativas de contestar os padrões sociais vigentes e pautar na sociedade sua forma crítica de pensar. Na década de 1990 o termo ganha força novamente, sobretudo com o advento da internet, que passa a ser o espaço encontrado pelos hackers para atingir e confrontar grandes corporações, bem como, ganha o status de lugar de liberdade de expressão e temas (CHAIA, 2007). Nesta perspectiva, o termo tem um significado de arte revestida de discurso político, só que sua esfera de atuação estava centrada apenas nas artes consideradas eruditas como o teatro e as artes plásticas.

Ao seguirmos este entendimento restrito do que é arte, imediatamente limitamos a abrangência e a importância do termo Artivismo, bem como de tudo o que ele representa. Esta limitação nos gerou uma inquietação, que nos levou a um esforço de ressignificação do termo, para que as discussões sobre a temática pudessem permear o campo das relações existentes entre cultura e comunicação popular. Para entendermos melhor o que se pretende com este novo significado, trazemos o significado dos dois verbetes que formam o neologismo: Arte e Ativismo.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2015) Arte é a execução prática de uma ideia; um saber; ou a perícia para conseguir realizar algo; pode ser também uma profissão ou ofício. Já Ativismo é descrito como a prática cotidiana de quem participa ativamente da vida política e social.

Assim, nos valendo destes significados, entendemos o Artivismo, nos contextos de cultura popular, como sendo a arte ou ofício de vida como instrumento de protesto

contra as condições de contingências vivenciadas por si ou pela comunidade em que está inserido.

Como exemplo desta perspectiva de Artivimo temos as expressões da cultura popular, que além de ser um ofício de sobrevivência para cada artista, tem como resultado produtos e serviços carregados de uma identidade, sentimento de pertença e história de vida capaz de expressar as vivências de seu produtor e da comunidade em que está inserido.

Cabe então ao Artivismo, através do papel de elemento comunicador que a cultura popular lhe confere, o lugar de discurso formador de opinião e espaço de fomento ao pensamento crítico sobre a realidade das comunidades marginalizadas. Ressaltamos que, este processo gerador de discurso crítico, tanto ocorre endógenamente, como exógenamente, com o objetivo de mobilizar as pessoas em torno das questões relevantes da vida social cotidiana e como forma de protestar contra os contingencimentos vivenciados pelas culturas populares (BORDIN, 2013).

O Método

Como nos ensina Schmidt (2011), o desafio daqueles que escolhem enveredar nas pesquisas sobre Folkcomunicação é encontrar os passos, ferramentas e dinâmicas que se adequem as vivências da cultura popular que é o seu principal objeto de estudo. Para a autora, a postura destes pesquisadores se diferencia dos demais por trata-se de um campo da comunicação que fica a margem dos grandes processos comunicativos.

Assim, resolvemos seguir os conselhos de Beltrão (2001) que nos ensina ser junto ao povo o melhor lugar para buscar informações, sobretudo no caso do presente estudo, que precisou levar em consideração aspectos que mexem com os valores, sentidos e identidades da cultura popular itabaianense⁴.

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, levando em consideração que estamos tratando de uma temática complexa e polissêmica como a cultura popular; e caracteriza-se como exploratória por buscar informações da cultura popular itabaianense, mapeando suas manifestações e criando uma aproximação necessária ao estudo sobre seus diversos aspectos (GIL, 2010).

Delineamos a pesquisa nos moldes do estudo de caso por tratar-se de uma investigação que buscou compreender, a partir do caso concreto das expressões da

⁴ Gentílico de quem nasce na cidade de Itabaiana – PB.

cultura popular da cidade de Itabaiana – PB, as dimensões econômicas, comunicacionais e sociais no processo de Desenvolvimento Local.

Como forma de instruir nosso caminho de investigação, dividimos os esforços em quatro etapas, onde duas delas foram teóricas e documentais e as outras duas foram de vivência e observação contemplando um momento de trocas simbólicas com o povo da cidade.

Tabela 1 - Divisão das Etapas da Pesquisa e Seus Sentidos

Etapa	Momento	Sentido
1	Documentação	Informações históricas, curiosidades, destaques e notícias sobre a cidade e sobre os Artivistas estudados; levantamento teórico sobre Economia Criativa, Folkcomunicação, Ativismo e Desenvolvimento Local.
2	Experiência de Campo	Momento de observação geral sobre os aspectos do problema proposto; também observamos as dinâmicas das vivências dos Artivistas envolvidos com o tema.
3	Observação	Ampliação da etapa anterior, onde captamos cheiros, sabores, sons, falas, modo de vida, de pensar, de agir, de se relacionar, buscando uma visão para além do que estava dito nas expressões da cultura popular local.
4	Análise de Dados	Esta fase foi dedicada a um análise qualitativa, aberta, de exploração dos sentidos, onde o pesquisador imergiu nos dados como quem revive uma história e buscou tecer de forma isenta, porém nem sempre impessoal, o relatório das respostas buscadas no problema e nos objetivos.

Fonte: Pesquisa Direta

Quanto as técnicas de pesquisa empregadas, nos valem da observação direta, quase sempre participante, onde tecemos um diário de vivências para tomar nota de tudo aquilo que nos chamava a atenção. Optamos também pela aplicação de entrevistas semiestruturadas com alguns atores sociais de destaque, norteando os questionamentos

nas teorias estudadas, buscando o aprofundamento naquilo que ficava nas entrelinhas e captar o não dito.

Como Itabaiana – PB é um local de efervescência cultural e afloram muitas manifestações da cultura popular, não foi fácil a escolha de quais os atores sociais representariam este estudo. Tendo isto em vista, elencamos três características que seriam os filtros para escolha, quais sejam, (1) ter um trabalho ligado a cultura popular, (2) estas ações gerar algum tipo de capital (humano, social, ambiental, financeiro) e (3) o resultado de seus trabalhos contribuírem de alguma forma para mudar a vida da comunidade local. Assim chegamos aos seguintes escolhidos:

Tabela 2 – Atores Sociais Observados e Analisados

Nome	Idade	Profissão	Taxionomia Folk
Fábio Mozart	61	Jornalista	Cinética e Visual
Jessier Quirino	62	Poeta Matuto	Oral e Cinética

Fonte: Pesquisa Direta

A partir destas observações e entrevistas foi possível analisar questões simbólicas, como participação, costumes crenças, atitudes, valores e motivações. Este processo de análise foi articulado com as dimensões propostas para o estudo, quais sejam Linguagem e Símbolos, Reconhecimento, Imaginário e Memória, Sentimento de pertença e Arte na construção do discurso.

Análises e Discussões

Neste estudo abordamos o Ativismo como um elemento de construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB. Os aspectos que foram observados envolvem a arte enquanto ofício de sobrevivência como um instrumento de protesto frente as condições de contingências vivenciadas. Dessa forma buscamos entender qual o papel dos Artivistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB.

Para tal, levantamos os atores sociais de destaque na cidade com vistas a entender como se dão as relações entre eles e os demais cidadãos e como estas relações são capazes de mobilizar pessoas para modificar a realidade vivida. Em nossa pesquisa

encontramos 22 (vinte e dois) atores sociais que tem sua arte ou saber-fazer ligado a história e luta da cultura popular itabaianense. Dentre eles selecionamos dois para compor o corpus da nossa pesquisa. Os escolhidos foram Jessier Quirino e Fábio Mozart tomando como norte a representatividade e reconhecimento de seus trabalhos, dentro e fora da cidade.

Fundado nos elementos identificados nas entrevistas e nas análises feitas sobre as observações, agrupamos os resultados conforme Matriz de Análise Qualitativa – MAQ abaixo, a partir da qual nortearíamos nossas discussões:

Tabela 3 - Matriz de Análise Qualitativa - MAQ

Categoria	Teoria Relacional	Pergunta de Pesquisa
Linguagem e Símbolos	Folkcomunicação	Qual o papel dos Artistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB?
Reconhecimento	Folkcomunicação	
Imagário e Memória	Folkcomunicação	
Sentimento de pertença	Desenvolvimento Local	
Arte na construção do discurso	Artivismo	

Fonte: Pesquisa Direta

Caso 1 – Jessier Quirino: o arquiteto das palavras

Jessier Quirino é um jovem senhor de 62 anos de idade, nascido em Campina Grande, interior da Paraíba, e radicado na cidade de Itabaiana – PB há mais de 30 anos. Se diz um itabaianense por adoção. A cidade entra em sua vida em meio a sua jornada acadêmica, conforme o mesmo relata:

Eu me mudei para Recife, fui estudar em Recife, depois voltei para Campina Grande que eu passei no vestibular de Engenharia, depois foi que me mudei pra João Pessoa pra fazer Arquitetura. Na escola de Arquitetura eu conheci minha mulher, que é arquiteta também de formação; o nome dela é Enedina e nós chamamos de Doró e somente em João Pessoa que eu a conheci; e namoramos na faculdade e depois me casei em 1980 e me mudei para Itabaiana em 1983 (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Apesar da sua formação em Arquitetura, Jessier sempre teve uma inclinação para as artes, sobretudo para a poesia. Foi através dela que Jessier conseguiu forjar sua

personalidade e encontrar seu espaço enquanto cidadão e ator social. Sentimos isto ao o ouvirmos falar que:

Sempre tive, assim, um certo interesse por essas coisas regionais, as coisas de natureza campeira, as coisas do mato, até mesmo para usar como uma arma, que eu usava na adolescência, na infância, que era de superar a minha timidez, impondo talvez um verso, talvez um causo, uma história, com inflexão e força; com isso eu conseguia manter um certo respeito diante de colegas que eram bem mais velhos do que eu. A partir daí que nasceu talvez esse meu interesse pela poesia. Eram declamações que eu fazia de outros poetas, depois eu passei a fazer a minha própria poesia (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Contudo, neste processo de construção de sua identidade, o poeta teve a influência de diversas figuras que lhe serviam de espelho e exemplo, lhe ajudando na composição de imagens, versos, situações e vivências, que até então lhe pareciam distantes. Ele nos conta de uma destas figuras:

Mas eu tive uma influencia boa e uma forte influencia de um amigo de infância; o nome dele é Ciço Galinha. E Ciço Galinha ele era filho de sertanejo; e ele ia para os sertões e voltava me contando essas histórias dos sertões; e ele era uma pessoa muito intima minha e amigo mesmo de bola de gude, inclusive ele tocava violão, eu já aprendi a tocar violão com ele, então eu tinha uma imagem do sertão muito romântica, porque era uma coisa que eu não alcançava e Ciço Galinha me mostrava todo esse universo; contando as idas e vindas dele nas férias e tudo mais (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Num segundo momento Jessier passa a conviver diretamente com o campo, o meio rural e todos os seus símbolos e sentidos. Isto serviu para que o mesmo pudesse contemplar e reconhecer tudo aquilo, que até então, era só imaginário. Vejamos a sua impressão:

Somente na adolescência é que eu passei a entrar em contato verdadeiramente com os sertões. Ai foi quando eu fui ver a lavadeira, foi quando eu vim ver a esperteza do matuto, a graça do matuto e tal; e tive também uma visão, assim, pra mim de muito valor, que foi o vaqueiro, pela primeira vez, paramentado, né? E vindo de uma pega de boi; que até então eu só via vaqueiro em exposição de animais em Campina Grande (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

A partir deste contato direto com a vida do campo, que mais tarde se transforma em sua fonte de inspiração, Jessier começa a imprimir uma marca própria em sua poesia apostando numa linguagem própria e, sobretudo numa interpretação única.

Linguagem e Símbolos

A construção da poesia matuta feita por Jessier Quirino está entranhada de valores, sentidos e símbolos que retratam de uma forma muito particular a vivência do meio rural. Porém, uma das marcas mais fortes que identificamos em sua poesia foi a linguagem. A utilização de expressões e sotaques tipicamente matuto torna-se uma estratégia intencional de aproximação com o público. Sobre isto o poeta nos diz que:

A marca Quiriniana ela tem um pouco de modernidade, tem um pouco de neologismo, tem um pouco de humor (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Esta impressão sobre sua habilidade em criar uma linguagem própria é compartilhada por aqueles que conhecem sua obra, como podemos ver nas palavras de Vicente Campos Filho, jornalista e cordelista:

Jessier Quirino ele consegue transformar com muita facilidade; ele transforma substantivo em verbo e vice-versa, ele consegue fazer esse jogo com as palavras. Através da poesia matuta ele consegue passar a mensagem do homem do campo, do matuto sertanejo, como ele fala. Jessier Quirino tem essa característica na poesia dele (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Apesar de se tratar de uma linguagem campeira, informal, com certa deformação gramatical e considerada a margem da literatura formal, foi possível verificar a importância e o respeito que ele ganha pelo simbolismo que carrega, sobretudo quando se veste da interpretação imposta por Jessier Quirino em suas declamações. Em consonância com isto vejamos o que Marco di Aurelio, grande nome da cultura popular paraibana, nos fala:

Eu conheci ele num trabalho que ele fazia ainda convidado por bancos, por instituições, né? E aquela coisa inicial me apaixonou, porque era uma linguagem nova, uma linguagem ao mesmo tempo velha, porque era o nosso sentimento, mas numa apresentação e numa encadernação nova e de uma ótima apresentação. Ele tem um carisma e um jeito todo especial de colocar toda essa poesia para gente (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

A utilização de uma linguagem própria, baseada no dialeto matuto, como Jessier Quirino faz, reafirma o significado e importância que ela possui para aqueles cidadãos que se identificam, ou a tomam para si, como marca de uma identidade cultural que vai além do espaço rural e do campo, alcançando-os onde forem.

Neste sentido é válido reafirmar o pensamento de Beltrão (2014) quando defende que a Folkcomunicação é a utilização de elementos do folclore como

instrumentos de comunicação nas cadeias cotidianas, criando meios próprios de entender e fazer-se entender.

Podemos dizer que a apropriação que Jessier faz da linguagem matuta para compor suas poesias e suas apresentações cria uma marca única capaz de distingui-lo dos demais poetas matutos, tornando-o uma referência simbólica tanto para as pessoas do campo que se deslocam de suas bases interioranas, como para a cidade de Itabaiana – PB, fonte de sua inspiração.

Reconhecimento

Apesar de ser uma pessoa retraída no seu cotidiano, Jessier Quirino goza de certo prestígio e reconhecimento dentro e fora dos limiares da cidade de Itabaiana – PB. Isto porque, a sua obra e seu saber-fazer da poesia matuta desperta nas pessoas um sentimento de confiança e representação. Identificamos isso facilmente ao ouvirmos Dona Nêu, amiga dele e moradora da cidade:

Ele adora Itabaiana, mais de que os próprios filhos de Itabaiana. Ele tem loucura para conversar com o povo da zona rural. Esse povo matuto. E acha o linguajar deles uma maravilha. Como eles falam. As coisas que ele prevê e acontece. E a sabedoria deles, morando na zona rural sem ter estudo nenhum. Então ele adora isso. Ele veio para aqui para Itabaiana. E o povo de Itabaiana tudo doido por ele, pelos versos que ele faz. Ele é arquiteto e trabalha para São Paulo, pra cima de São Paulo. É muito solicitado. Já foi para Fortaleza, Recife, São Paulo, para dar shows (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

O reconhecimento é um elemento importante para despertar o sentimento de pertença. Ele se reflete, internamente em sentimento de solidariedade e representatividade, como externamente em cultura local marcadora de particularidades que diferenciam um grupo social frente aos demais. Assim o foi com a poesia de Jessier Quirino. Vejamos a sua impressão sobre o tema:

Eu só vim obter uma exposição maior já na publicação do primeiro livro (Paisagem de Interior). A partir daí vem o boca a boca. E de lá pra cá não parei mais. Aí já foi segundo livro Agruras da Lata D'água, depois o terceiro foi um livro infantil (Chapéu Mau e Lobinho Vermelho), esse livro foi publicado, um livro infantil, depois um livro de política, que é um livro com fotografias de imagens que eu chamo de gargalhativas, com pichações de muro, que se chama Política de Pé de Muro – o comitê do povão, depois fiz o livro Prosa Morena, que atendendo a pedidos e algumas ameaças, eu coloquei um cd no encarte, que era o que as pessoas muito pediam na saída dos recitais: “Você tem que gravar”. Porque eles me viam com muita força no palco e a leitura dessas pessoas depois era meio capenga. Então eu gravei o CD Prosa Morena e foi no encarte do livro. Esse aí foi a grande vitrine que

abriu a minha poesia. Então, com o CD, esse CD desembestou-se de mundo a fora e daí não parei mais (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Podemos ver que o reconhecimento é, por excelência, uma responsabilidade adquirida junto ao grupo que se pertence, onde o outro passa a se entender como extensão do eu. Isto tece uma trama de valores sociais onde o grupo sobressai-se aos membros, ao mesmo tempo em que garante um lugar de destaque aqueles que se tornam sujeitos de voz e ação frente aos demais. Podemos sentir isto na fala de Adeildo Vieira, músico reconhecido nacionalmente e filho de Itabaiana – PB, ao reportar-se ao trabalho de Jessier:

Grande parte de nós que estamos nas capitais viemos dessas regiões que ele trabalha lá, que ele tira a sua inspiração. A gente se sente contemplado quando a gente resgata essas imagens, esses comportamentos da nossa ancestralidade e ao mesmo tempo se sente gratificado em saber que alguém diz para o mundo que esses códigos existem (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Neste sentido, podemos dizer que a atitude de Jessier Quirino, através da sua poesia campeira, aproxima-se da reflexão de Beltrão (2014) sobre os comunicadores folk ao dizer que para atuarem como mediadores entre a comunicação de massa (global) e a comunicação do povo (local), estes agentes precisam ter um repertório cultural mais amplo que os demais componentes do grupo, porém necessitam gozar da confiança e de certo prestígio entre eles, para que este trânsito entre global e local ocorra com desenvoltura.

Imaginário e Memória

Nesta pesquisa, além de termos verificado o potencial da poesia matuta de Jessier Quirino no campo da Linguagem e dos Símbolos, bem como elemento na construção do Reconhecimento, constatamos a reprodução e permanência da história matuta e da vivência do campo em sua arte.

A transmissão da tradição por modo oral ainda é um dos métodos mais fortes quando tratamos de culturas populares e este elemento se faz presente na poesia Quiriniana com bastante força, sendo reconhecida como vemos na fala de Adeildo Vieira:

A poesia dele caminha dentro dos códigos da nordestinidade, que é uma coisa fantástica. Ele consegue recompor; por exemplo, eu que sou um camarada que nasci em Itabaiana; quando ele fala a poesia dele eu me remeto a minha



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

infância, as imagens; ele cria imagens importantes, que nos faz, que nos remete a cena do modus vivendi, a emotividade e a maneira das pessoas serem no nordeste, sobretudo aquele nordestino lá do campo, né? Que a gente chama de matuto, né? (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

A característica comunicacional que se sobressai na poesia matuta feita por Jessier Quirino é a sua capacidade de criar um imaginário nos espectadores, levando-os de volta as bases e origens do campo, ou até colocando quem não conhece este cenário dentro da história como se o mesmo estivesse lá. Isso ficou cristalino ao ouvirmos Bebê de Natércio, poeta e cordelista, falar sobre Jessier:

Ele traz as imagens, ele faz fotografias do passado e remonta de uma maneira que até quem não conheceu e que não viveu aquele momento tem a sensação de que aquilo é real. Quer dizer, isso é a capacidade que ele tem do grande observador que ele é, de olhar as coisas transforma-las em verso e poesia e trazer dentro da história um olhar muito complexo, muito forte (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Por outro lado, cabe assinalar a importância que esta construção do imaginário e relação da poesia matuta com a memória tem. A reverberação da história do matuto, do sertanejo, das lutas do povo do campo para resistir aos problemas cotidianos, compõe elementos comunicacionais de extrema importância nas cadeias de comunicação cotidiana. Eles enriquecem o processo de comunicação tornando-os representativos para memória social e para coletividade. Vejamos o que diz Oliveira de Pannels, poeta e violeiro nordestino:

O Jessier registra fatos na nossa história que não podem ser olvidados, são coisas indelévels, o nosso matuto criativo que ainda tem. São lembranças. Você procurar anular, eliminar, esses causos contados pelo Jessier é você tirar parte do corpo bonito de nossa história nordestina (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Assim, não é aleatório pensar que Jessier Quirino cabe no pensamento de Beltrão (2014) que os comunicadores folk são por excelência fieis depositários da história de seu povo. Através de suas práticas, ao longo do tempo, são mantidos conhecimentos e vivências que atravessam gerações compondo o arcabouço das tradições e culturas locais.

Ora, na falta destes comunicadores do povo podemos dizer que um legado muito importante deixado pelos matutos sertanejos – seus saberes, suas práticas e crenças –

podem se perder com o tempo levando a construção ilusória de um passado, que reflete diretamente nas perspectivas de futuro.

Sentimento de pertença

A construção de um pertencimento social está fundada nos laços de reconhecimento e compartilhamento de visões de mundo em comum. Isto faz com que os cidadãos se entendam como parte de um território comum e dividam valores e normas, encontrando na participação o seu papel social.

Foi possível verificar que a poesia de Jessier Quirino é capaz de promover nas pessoas este sentimento de pertença. O olhar daqueles que admiram seu trabalho deixa cristalino este entendimento, como vemos nas palavras de José Benjamim Filho, historiador:

Ele se inspira para fazer sua poesia exatamente daquilo que a gente chama do matuto, que é o homem do interior. Principalmente do interior nordestino, do interior da Paraíba, especialmente daqui da Paraíba, da região de Itabaiana (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Um dos aspectos mais importantes para perceber e entender o sentimento de pertença é relativo ao local como uma fonte de inspiração na construção dos sentimentos de afeto com o lugar. Ora, se o lugar nos desperta o orgulho de fazermos parte dele, isto alicerça a permanência das relações no futuro. Concordando com isto, vejamos novamente a fala de José Benjamim Filho:

Itabaiana é um desses recantos brasileiros que permite uma fonte de inspiração maravilhosa. E Jessier Quirino sabe fazer isso muito bem. Mergulha na população itabaianense, mergulha no campo, no homem rural, no agricultor, no matuto e transforma isso em joias, em preciosidades da cultura brasileira, da literatura brasileira (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

O próprio Jessier Quirino nos fala sobre como o local é fonte para sua inspiração e como ele reconhece no cotidiano da cidade de Itabaiana – PB elementos que geram o sentimento de pertencimento nos cidadãos locais:

Eu sempre fui uma pessoa muito reservada, até mesmo essas minhas pesquisas, esse meu poder de observação, eu faço sem que [...] muitas vezes quando eu faço um texto; eu já fiz textos aqui, sobre acontecimentos aqui de Itabaiana e as pessoas de repente faz: “que danado Jessier consegue aquilo”? Eu observo, mas não sou de me expor, não sou de tá indo conversar com as pessoas, sabe? É uma coisa assim, meio mágica. De observar mesmo. E nesse primeiro andar aqui, que daqui de cima eu vejo muita coisa, né? Essa coisa

do Comício de Beco Estreito (nome de uma de suas poesias), eu fiz daqui, entendeu? (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Ressaltamos que a dimensão simbólica é ponto importante para construção do local. Cada cidadão identifica-se com o local a partir de valores e símbolos que ganham destaque pelo seu uso cotidiano. Reforça-se isto ao ouvirmos Jessier falar que:

Aqui em Itabaiana eu vivo assim, eu vivo dentro de casa, literalmente dentro de casa, saio pouco. As vezes que saio é já com o alvo, a venda de Zé Galego sempre foi, assim, um ponto de[...] uma fonte muito forte pra mim de elementos dessa nordestinidade (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

E Zé Galego, dono da bodega, confirma a relevância que este sentimento de pertença desperta na comunidade. Vejamos sua fala:

Ele procura fazer mesmo; num sei se você já assistiu algum show dele; aquele negócio matuto mesmo. Fala com aquilo; é difícil a gente encontrar uma pessoa que faça aquele resgate da vida matuta com o jeito que Jessier fala. Já botou até essa bodega aqui numa das poesias dele (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Quanto maiores forem as ligações afetivas e simbólicas, maior será o sentimento de pertença dos cidadãos da localidade. Este sentimento, por sua vez, alimenta e preserva a coesão das pessoas do local, isto porque, o homem é por natureza um ser social.

O sentimento de pertença surge das relações sociais construídas entre as pessoas do lugar. Estas relações cotidianas, por sua vez, criam um ambiente de afetividade e uma identidade local. Identidade esta, que diferencia cada localidade no contexto globalizado em que vivemos. Jessier reafirma isto ao dizer que:

Eu já fiz recitais no sertão, lá no sertão junto do matuto e já fiz recitais na capital. O público da capital ele se emociona mais. Ele largou as bases interioranas e está na capital estudando ou trabalhando. Então quando eles me veem declamar eles se emocionam muito, muito mesmo (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Visto tudo isso, podemos afirmar que o sentimento de pertença é um dos elementos essenciais para se promover o Desenvolvimento Local uma vez que ao criar laços fortes entre o indivíduo e a cultura, crenças, valores e estilo de vida do local, fomenta o interesse deste em participar das cadeias decisórias sobre o futuro do grupo social. Quando lembramos dos ensinamentos de Franco (2000) de que a força endógena é a principal característica do Desenvolvimento Local, reconhecemos o quanto se faz

importante o interesse em participar da formulação e decisão das políticas para melhoria do local.

Quando percebemos que um local como Itabaiana – PB consegue despertar a afetividade de seus cidadãos e dentro destes encontramos o reconhecimento daquele lugar como seu, ampliamos as possibilidades de mobilização da população em torno das questões comuns para melhorar a qualidade de vida no local.

Por isso, entendemos que o sentimento de pertença, aliado as características endógenas, convergindo a população para ações coesas, torna-se um aspecto estratégico para o sucesso das políticas de Desenvolvimento Local.

Arte na construção do discurso

O Artivismo é um neologismo composto pela junção das palavras arte e ativismo, que invoca a tênue e clássica ligação entre a arte e a política. Seu conceito ainda é de difícil consenso seja no campo das artes, seja nas ciências sociais. Seu principal objetivo é discutir os destinos potenciais da arte, seja poética ou performativa, produzida por pessoas ou coletivos com finalidade de resistir ou protestar pelas suas causas.

A natureza estética e simbólica da poesia matuta de Jessier Quirino nos remete para esta essência de protesto e resistência, sobretudo quando avaliamos o aspecto performativo das apresentações dele. A sua presença de palco, sua entonação de voz, o sotaque, as palavras, mostram de forma clara e lúdica um matuto cheio de esperteza e lucidez para lidar com situações de dificuldade cotidiana e tudo com um toque de humor. Vejamos o que Beto Brito, músico popular reconhecido nacionalmente, diz:

Eu um dia disse para o Jessier que só falta ele dançar no palco, mas ele é completo, ele é perfeito. O que me admira muito na postura dele como artista é a forma teatral que ele usa nas declamações dele ao vivo. Ele consegue mostrar arte no teatro. Ele consegue ser um ator e ao mesmo tempo um declamador, ao mesmo tempo um poeta. Eu acho que Jessier é um artista completo, que não falta mais nada nele (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Equacionando a relação entre arte e política, Jessier encontra no discurso e na declamação a dimensão política de sua poesia. Ele mesmo reconhece o peso da palavra, do discurso, do texto e da interpretação na construção de um significado para seu saber-fazer, a poesia matuta. Vejamos a sua impressão:



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

Venho fazendo uma poesia campeira, digamos, respeitosa às nossas tradições e de forma renovada; além, claro, de outros ensaiozinhos poéticos, músicas e textos com uma marca muito pessoal. O fato é que, de uma hora pra outra, vi minha casinha de duas águas entre mansões literárias e sendo discutida em roda acadêmica, sala de aula, e eu próprio defendendo a causa a golpes de declamações por todo o país, em teatros, saletas e salões. Percebo, entre os ouvintes, um sentimento de ser sua própria voz embutida num poema, num caso, num gesto e isso aumenta minha carga de responsabilidade. Penso, talvez, que seja mais uma bandeira hasteada em defesa das nossas riquezas matutas (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

O Artivista está no centro das relações sociais de seu lugar, ou seja, faz a interseção entre a dimensão da luta e protesto com a responsabilidade como ator social mediador dos conflitos imediatos. Portanto, torna-se essencial no exercício do ativismo o reconhecimento do outro e crítica as condições postas no local. Nesta relação de envolvimento social diminui-se a autonomia da arte, a medida que aumenta a sua relação direta com o discurso político e ético. Sobre isto vejamos a impressão de Marco di Aurélio:

Tem uma coisa a ser observado no trabalho de Jessier Quirino que é na questão da memória. Então a memória eu poderia ver de dois lados: a memória dele como capacidade de decorar, de guardar imensos trabalhos, sem precisar da leitura, só de memória mesmo; e essa coisa linda, que é o domínio que ele tem sobre essa coisa bonita da tensão poética, daquela coisa emocional que ele coloca com tudo aquilo guardado na memória que ele tem que é excelente. E eu ainda olharia o lado da memória histórica, ou seja, a resistência da poesia nordestina, sendo conservada, sendo guardada e sendo exposta e distribuída do jeito que ele distribui (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

O que podemos afirmar é que a cultura popular, em especial a poesia matuta no caso de Jessier Quirino, coloca o ativismo como uma realidade política que busca modificar as relações do local e do global no contexto das contingências vivenciadas. Podemos entender a arte como um instrumento sócio-político que perpassa desde a função educativa, pela formação da consciência crítica nos cidadãos, até a capacidade de mobilização. Podemos entender então o Artivista como um mobilizador das mudanças sociais futuras da localidade.

Caso 2 – Fábio Mozart, o Leão

Fábio Mozart é poeta, cordelista e rádio jornalista. Nascido em Timbaúba, cidade do interior pernambucano, chegou a Itabaiana – PB através dos trilhos do trem, pois era rádio telegrafista e havia sido transferido de comarca em seu trabalho.

Em lá se estabelecendo logo tratou de firmar suas bandeiras na luta pela cultura popular. Vejamos o que nos fala:

Quando vim de Pernambuco para tomar a Paraíba como minha terra adotiva, fui conquistado pela poesia popular, a manifestação mais viva da inteligência do Nordeste, que consagrou Catulo da Paixão Cearense e tornou eterno seu discípulo mais emérito, esse que ficou conhecido como ZÉ DA LUZ e deixou um dos testemunhos mais fiéis da tradição nordestina, em sua poesia singular, fazendo da vida simples do povo a alma e a morada de sua arte (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

A partir de então, destacou-se como um ativista comunicador ajudando a fundar diversos meios de comunicação, que tinham como norte o espaço de voz e fala para os que estavam marginalizados nos processos comunicativos. Foi o caso dos Jornais Timbaúba (Timbaúba – PE), Força de Expressão (Sapé – PB), A Folha (Itabaiana – PB), Alvorada de Itabaiana – PB, Alquimia do Verbo, Umari Notícias (Mari – PB), Tribuna de Mogeiro (Mogeiro – PB), O Monitor Maçônico, Boletim Informativo do Sindicato dos Ferroviários no Estado da Paraíba, Tribuna do Vale e Itabaiana Hoje.

É um militante da causa das rádios comunitárias por entendê-las como um importante instrumento de mobilização a partir da cultura popular. Entendemos isso quando ele expressa a seguinte opinião:

A rádio comunitária, como elemento de comunicação popular e democrática, tem como um dos seus mais importantes objetivos a difusão cultural e a preservação da cultura da região onde atua (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

Porém a ação de maior destaque desenvolvida por Fábio Mozart e que de fato interage diretamente com os objetivos deste estudo, é sua ação enquanto militante no Ponto de Cultura Cantiga de Ninar. O ponto de cultura surge a partir da Sociedade Cultural Zé da Luz, que tem por objetivo resgatar e valorizar a cultura popular como elemento de valor para cidade de Itabaiana – PB. A importância desta entidade é destacada em sua fala:

A Sociedade Zé da Luz evoluiu, criou um grupo de teatro, realizou palestras, concertos musicais, espetáculos de dança e teatro, enfim conseguiu nos anos em que se estabeleceu em Itabaiana, realizar levantes culturais que definitivamente ficaram na história sociocultural daquele município paraibano (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

As principais atividades desenvolvidas no Ponto de Cultura Cantiga de Ninar são a oficina de teatro, a escolinha de música, a biblioteca comunitária e os sarais que levam

as ruas de Itabaiana – PB o que é produzido lá dentro. Está é uma forma de resistência frente aos interesses hegemônicos que não veem na cultura um capital para o desenvolvimento. A fala de Fábio Mozart nos dá uma dimensão clara disto:

Infelizmente vivemos em uma terra onde quem dispõe do poder sempre olha as coisas da cultura, não como o maior capital e riqueza de um país, mas como um instrumento perigoso que a ignorância, o preconceito e a estupidez de nossas classes dirigentes tratam de marginalizar (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

Outra forma de resistência utilizada por Fábio Mozart está na publicação, quase sempre independente, de seus livros. Grande parte de sua obra trata de heróis da história itabaianense, contadas através do formato de poesia de cordel, que enaltece os aspectos positivos destes atores sociais e das suas conquistas para melhoria e crescimento da cidade. O motivo deste resgate se dá pelo esquecimento que estas figuras foram acumulando ao longo do tempo, quicá sendo conhecida pelo povo contemporâneo da cidade. São exemplos disto os livros Manoel Xudu: O príncipe dos poetas repentistas, Biu Pacatuba: um herói do nosso tempo e mais recentemente As aventuras de Biu Penca Preta no reino da fuleragem.

Na análise do caso de Fábio Mozart também estão presentes os elementos como reconhecimento e sentimento de pertença. A luta pelo resgate da história da cidade e a forma como ele trata os heróis do povo, nos remetem a um exercício de valorização da cultura popular itabaianense, como um capital de alto valor para projetos de desenvolvimento.

O elemento da memória também está fortemente presente, sobretudo na publicação de seus livros, que através da literatura busca imortalizar as histórias e vivências do povo itabaianense.

Assim como, podemos facilmente identificar os elementos do Desenvolvimento Local em suas ações, a partir da mobilização que ele faz, através do Ponto de Cultura Cantiga de Ninar, fomentando os jovens da cidade a entenderem e compartilharem dos valores da cultura popular local.

Por fim, entendemos que a utilização de elementos da cultura popular, nos processos de comunicação com o povo, como sugere a Folkcomunicação, também alimentam as ações artivistas de Fábio Mozart. A partir dos elementos da cultura popular, Fábio protesta contra as condições de vida impostas a sociedade itabaianense,

bem como se coloca como instrumento de luta para modificar esta realidade, mobilizando pessoas e fomentando nelas um pensamento crítico autônomo.

Considerações Finais

O que aqui se pretendeu foi responder qual o papel dos Artivistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB. Para tal, observamos e analisamos as práticas e saberes-fazer de dois nomes reconhecidos da cultura popular local, Jessier Quirino e Fábio Mozart.

Através desta observação e análise foi possível identificar elementos, que com base na teoria proposta, mostraram a capacidade de mobilizar variados sentidos na população local. Os principais elementos identificados formam o Reconhecimento, Sentimento de Pertença, Símbolos e Linguagens, e A Arte na Construção do Discurso. Cada um destes elementos, a seu modo, contribuíram para elucidar algumas questões.

Verificamos que os códigos e linguagens são essenciais na construção de uma identidade local e que por sua vez facilita o processo de comunicação com as camadas mais populares. Vimos ainda que o reconhecimento e o sentimento de pertença são construções sociais fundadas na confiança e no sentimento de se ver no outro, o que contribui de forma decisiva para o fortalecimento do capital social.

Mas o que de mais relevante ficou, foi o avanço na fronteira do conhecimento, no campo da Folkcomunicação, ao ingressarmos com o conceito de ativismo, entendendo que os elementos do folclore e da cultura popular exercem papel comunicativo, mas junto a isto, exerce um papel de protesto e resistência contra as contingências vivenciadas no cotidiano.

Com isso, concluímos que o papel dos Artivistas, sobretudo nas redes folkcomunicacionais, é de articulador e mobilizador do tecido social para encontrar espaços de luta e resistência, visando modificar a realidade vivida. São construtores de futuro possíveis impulsionando os locais a entenderem seus potenciais e guiando-os para projetos de desenvolvimento fundados em políticas viáveis e sustentáveis ao longo do tempo.

É claro que entendemos que esta resposta não é definitiva e esta longe de ser. As fragilidades que as comunidades marginalizadas têm e o receio de acreditar em projetos de desenvolvimento atrapalha o processo de construção deste cenário de



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

Desenvolvimento Local proposto em nosso suporte teórico, porém temos a perspectiva de um caminho possível de ser alcançado.

Por fim, sugerimos que este tema possa ser expandido para outras análises empíricas e até visto sobre outras perspectivas como é o caso da Economia Criativa.

Referências

BAIGORRI, Laura. Recapitulando: modelos de ativismo (1994-2003). UOC, 2003. Disponível em: www.uoc.edu/artnodes/esp/art/baigorri0803/baigorri0803.html. Acesso em: 22 de março de 2015.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BERTOLDO, Leylane de Campos. Turismo Rural na comunidade quilombola de caiana dos crioulos-PB: Análise dos elementos folkcomunicacionais como estratégia para o desenvolvimento local. RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 13, Número 28, p.77-93, abril 2015.

BORDIN, Vanessa Benites. O jogo do bufão como ferramenta para o artista. 2013. 115 fl. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

CHAIA, Miguel. Ativismo – Política e Arte Hoje. Revista Aurora, São Paulo, ano 1, 2007.

COLEMAN, James S. Capital Social y creación de capital humano. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). Capital Social. Zona Abierta, 2001.

DE JESUS, Paulo. Sobre Desenvolvimento Local e Sustentável: algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: MACIEL FILHO, Adalberto Rego; PEDROSA, Ivo Vasconcelos; ASSUNÇÃO, Luiz Marcio de Oliveira (Org.). Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável. Recife: EDUPE, 2007.

FRANCO, Augusto de. Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável. 2ª Ed. Brasília: Instituto de Política, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2010.

MIGUEZ, Paulo. A convenção da Unesco sobre Diversidade Cultural. In: LOPES, Antônio Herculano; CALABRE, Lia (Org.). Diversidade Cultural Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

PUTNAM, Roberto D. La comunidade próspera. El capital social y la vida pública. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). Capital Social. Zona Abierta, 2001.

QUIRINO, Jessier. Paisagem de Interior. Recife: Bagaço, 1996.

SCHMIDT, Cristina. Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011.

SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Cia das Letras, 2010.